

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR NO MEMORIAL DE FORMAÇÃO: CATEGORIAS EMERGENTES NO DISCURSO DOS ALUNOS DO 3º ANO DO CURSO DE LETRAS

Dalva Regina Molz Pereira (AEDB)

dalvareq@hotmail.com

Thiago Pereira da Silva (AEDB)

thiagopds@hotmail.com

Arlete Inês Ribeiro Rubini (AEDB e UNESA)

lrubini@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Analisar o discurso nos memoriais de formação dos alunos do 3º ano de Letras da Associação Educacional Dom Bosco e identificar a representação de professor é o principal objetivo do presente trabalho. Entende-se por análise de discurso a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade social. Esta mediação é feita pelo discurso, ou seja, pelas práticas discursivas nas quais o indivíduo se insere, sendo capaz de significar e significar-se. O discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade na qual vive.

A representação da realidade das pessoas, ou seja, do seu cotidiano, é permeada por símbolos, e diante deles, o processo de interpretação se desdobra. As diversas interpretações de um texto fazem com que ele caracterize-se como literário, pois é um texto instável, não possuindo um único sentido, pois cada analista terá a sua interpretação conforme o seu suporte teórico. Conforme Orlandi (2001), o trabalho do analista é em grande parte o de compreender, e não apenas refletir o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido. Nesta concepção, a análise de discurso nos memoriais de formação fará uma interpretação e compreensão da relação da língua com sua exterioridade, pois a construção da visão artística não é ordenada apenas sob elementos espaciais e tempo-

rais, mas também sob elementos do sentido, do significado, e principalmente dos valores. Existe um sistema de valores que é determinado pela ação do indivíduo. A posição semântico-axiológica determina o valor da ação e o seu significado na vida deste indivíduo.

Com base nos valores e concepção de sentidos - de Mikhail Bakhtin (2003), Eni Orlandi (2001) e Paulo Freire (1997) - apresentados nos memoriais de formação, alcançou-se a classificação de categorias distintas conforme a representação de professor estabelecida pelos autores, no caso, pelos alunos do 3º ano de Letras.

A pesquisa nos memoriais propõe-se a contribuir na compreensão do processo de formação do professor licenciado pela AEDB – Resende/RJ, quando ainda na condição de aluno dos cursos de licenciatura, seu posicionamento ao reconstruir suas experiências passadas, como na construção da imagem de professor através de conceitos axiológicos e significativos.

A análise do memorial de formação oferece a história de vida narrada pelo próprio aluno acerca da sua experiência. Esse texto em primeira pessoa desvela as expectativas familiares e pessoais acerca da escolha do curso e do desempenho escolar do estudante, de forma a revelar também a visão e os valores da comunidade, que permeiam essa escolha e esse desempenho.

O Projeto do Perfil do Egresso, do qual esse subprojeto faz parte, obterá, com o estudo do memorial, um ponto de referência das expectativas do profissional, quando ainda na condição de aluno. Essas informações poderão servir de contraponto à análise de desempenho dos profissionais de educação em exercício na rede municipal de ensino.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

METODOLOGIA

A investigação foi realizada em 72 memoriais de formação construídos pelos alunos do 3º ano do Curso de Letras, como atividade de Didática Especial, nos anos de 2004, 2005 e 2006. Os nomes dos participantes foram ocultados e substituídos pela letra M seguida do número do memorial, o nome dos professores citados também foi omitido, mantendo-se apenas a inicial. A coleta dos dados foi realizada entre os meses de junho e novembro de 2007, por meio de fichamento mediado por roteiro semi-estruturado a partir dos critérios que nortearam a sua confecção: a) Raízes familiares; b) O processo de escolarização; c) Características da educação na formação inicial; d) Experiências de leitura e produção de texto; e) Escolha do curso; f) Expectativas iniciais; g) Desempenho no curso; h) Expectativas pós-curso. A análise temática de conteúdo seguiu as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados e interpretação. Durante a fase de pré-análise do conteúdo, houve a emergência de uma categoria que se consolidou pela possibilidade de compreensão dos valores e representações sociais que caracterizam o aluno do Curso de Letras: a representação do professor. Esta categoria foi submetida e analisada para a identificação do conteúdo e determinação de subcategorias. Após a subcategorização, foi realizada a discussão dos resultados pelo emprego da Análise do Discurso (AD), focalizando especialmente o “todo semântico da personagem” (Bakhtin, 2003).

RESULTADOS

A análise dos dados organizados em unidades de significado permitiu a identificação da categoria: “A representação do professor” e das subcategorias conforme a caracterização mencionada nos textos. As subcategorias encontradas foram: professor ideal, bom professor, solidário, autoritário, distante

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dos alunos, desmotivador, discriminador, constrangedor e agressivo.

Na subcategoria “professor ideal” o professor é lembrado como sendo o modelo, a inspiração profissional e pessoal e o exemplo perfeito a ser seguido. Também é vinculado às atitudes e metodologias em sala de aula, como se pode observar nos trechos abaixo:

- A Professora M A, a qual sempre terei como exemplo perfeito de professora, pois tinha carinho e dedicação(M8)
- (...) conheci a professora de C.A. que se tornou meu ideal, pois tinha talento e domínio de classe como eu jamais vi igual, e o melhor é que para isso ela não precisava ser rígida ou grosseira. (M1)
- Tive como professora a “tia A”, a quem chamo de “tia” até hoje. Foi ela quem me inspirou ser professora também. Queria ser igual a ela; queria imitá-la em tudo. (M23)
- Conheci uma professora que é responsável por tudo o que sou hoje (...). (M24)
- A fase de encantamento ocorreu por conta da admiração que eu tinha pela professora E [...]. A professora E era elegante, cheia de alegria e dedicada em fazer com que os alunos aprendessem bem a matéria, tínhamos chamada oral de verbos todos os dias, mas isso não era ruim, o contrário, ela conseguia tornar a aula bastante dinâmica e prazerosa, quando entro em minha sala de aula procuro fazer com que a aula seja igual da professora E. (M49)

Na subcategoria “bom professor”, a sua figura é apresentada pela competência profissional, pelo método de ensino utilizado em sala de aula, e pelas atitudes gentis com o aluno, lembrado sempre com muito carinho e consideração.

- ...hoje eu vejo o quanto ela era uma professora competente, sempre paciente, atenciosa, dando seu tempo para as crianças do bairro, pois o pagamento era simbólico. Por amor, ela reunia em seu quintal quase todas as crianças do bairro e com o quadro negro, uma boa cartilha e competência nos apresentou as letras. (M1)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

- (...) professora de Português do 3º ano era ótima (...) O jeito que ela explicava me encantava. (M2)
- (...) foi no ano de 1997 que descobri o fantástico mundo da língua portuguesa, descobri como é gostoso e interessante saber particularidades, e o grande responsável por esse entusiasmo todo foi o professor D. Suas aulas não eram simples aulas, eram a “exibição” de um homem voltado para o mundo das letras. Dava a aula de Português sem nada, chegava sempre com uma pedra de giz, um apagador e mais nada. Isso me fascinava. (M19)
- No ensino fundamental e médio tive uma professora de que gostei muito, ela era filosófica, suas aulas não eram comuns, ela lia poema com vida, com a turma. Ela dia que não deveríamos deixar o sistema injusto nos alienar, que tivéssemos consciência de nossos direitos. Todas essas coisas que eu vivenciava, sem dúvida, mesmo que inconsciente confirmavam meu desejo de ser professor. (M36)
- Um dos meus melhores professores era de matemática além de ser muito inteligente sabia ser severo e descontraído na hora certa. A professora de português também era muito boa [...]. (M43)
- [...] até hoje me recordo da professora Letícia que era e continua sendo uma excelente profissional, ela tinha grande habilidade com os alunos e sempre os trazendo para perto de si. (M55)
- A minha professora do terceiro ano superou todas as minhas expectativas (M45)
- [...] minha mãe decidiu me colocar para estudar particular com a professora Gracinha, a qual eu tenho profunda admiração e respeito, pois foi quem me ensinou as primeiras letras. (M25)
- Ela não era apenas uma professora, mas também uma mãe para seus alunos. Levava as crianças, inclusive, ao banheiro, pois receava em deixá-las sozinhas. (M18)

Também é esta subcategoria representada pela tranquilidade, pela personalidade carismática, cativante e pela fisio-nomia do professor:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Lembro-me em especial da Tia J, era uma pessoa tranquila, que conhecia muito bem cada aluno, sabia ser rígidas nas horas necessárias. (M32)
- A professora simpática e linda (M33)
- Adorei minha professora de 1ª série. Além de ser calma era muito bonita. (M31)
- (...) a tia A (...) um doce de pessoa. (M4)
- (...) até a 5ª série, todos os meus problemas eram resolvidos com a tia Ana Maria. Esta além de ter sido uma professora que eu tinha uma adoração, a mesma não ocuparia mais o cargo de professora (M16)
- Tive excelentes professores como (...) e também outros que estão registrados com muito carinho em minha memória. (M16)
- (...) conheci a professora L que ministrava OSPB. Eu a adorava, ela era muito divertida, amiga. Foi um ano muito bom para mim. (M25)
- Minha professora chamava-se S, era muito carinhosa e atenciosa, suas aulas eram prazerosas. (M54)
- A primeira série foi ótima, a professora era doce e tratava os alunos bem e não tive problema algum. (M55)

Há também trechos em que o professor torna-se inesquecível por suas atitudes, personalidade e competências:

- Foi amor à primeira vista, ela era a professora mais linda, gentil, amorosa e paciente do grupo escolar. O tempo passou e me lembro perfeitamente de sua fisionomia, da sua voz, do seu jeito, do seu sorriso, da sua maneira tão lúdica de ensinar. Com ela aprendi a ler e a escrever e dela não me esqueci. De todas as professoras que tive na vida, ela foi a mais especial a quem me recordo com muitas saudades. (M47)
- A professora com que aprendi a ler e escrever (...) Ela é inesquecível, ... (M5)
- ... com o estímulo da inesquecível tia C, eu já dominava a leitura e a escrita. (M41)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Finalmente, o “bom professor” é mencionado como aquele que se importa com aluno, independentemente se é dentro de sala de aula ou fora dela:

- Tive amigos e professores que me ajudaram muito quando precisava de uma aula particular de matemática. (M16)
- (...) me lembro, como se fosse hoje das várias vezes em que a tia V, minha professora, ficou comigo depois do horário para que eu terminasse os exercícios; sempre incentivando, nunca dando bronca. (M19)

Na subcategoria “Professor solidário”, o professor atua além da sala de aula e ajuda na superação de problemas particulares:

- [...] eu ia de carona com a minha professora ... (M22)
- Conheci uma professora que é responsável por tudo o que sou hoje, estudei com ela na primeira série, ela gostou tanto de mim que levava para casa dela aos finais de semana, a tia V ficou sabendo da minha situação, por tudo que eu estava passando e se apegou a mim de uma tal maneira que era como se fosse minha mãe, eu também me apeguei muito a ela. A tia V sempre me aconselhava que era para eu terminar meus estudos para que eu pudesse me dar bem na vida, também dizia que não era para eu namorar qualquer um e nem engravidar enquanto não terminasse os meus estudos. (...) Lembro-me que toda vez que eu ia para sua casa ela me dava alguma coisa e não me deixava ir para escola sem levar um lanchinho.(M24)

Outras categorias encontradas apresentam uma representação negativa da figura do professor. Na subcategoria “Professor constrangedor”, identifica-se o que aponta os erros e causa constrangimento. Nessa categoria, o professor é lembrado pela sensação de vergonha e medo evocado pelas ocasiões em que “debochou” do aluno na frente da classe e toda a turma riu disso.

- (...) como eu não sabia fazer conta de cabeça (e até hoje não sei), a professora me mandava ir à frente da classe e debochadamente dizia assim: “Olha só turma, que vergonha! A

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Ana não sabe fazer continha de cabeça, só sabe contar no dedinho como criancinha. Que vergonha! Que vergonha! E ainda por cima, fazia com que a turma risse dessa minha dificuldade. (M56)

- Um dia a professora me chamou à frente da sala e pediu que lesse uma palavra. Eu não sabia ler aquela palavra. [...] Ela falou alto comigo, alguns alunos riram e eu até tentei, mas não saía a palavra que queria. Desde aquele dia, passei a ter medo que ela me chamasse ao quadro novamente. Em casa resistia o bastante para não ir estudar, comecei a faltar, fiquei com pneumonia. Frequentei a escola até o meio daquele ano... (M47)
- (...) tenho a consciência de quanto o professor era um horror. Arrancava as folhas do caderno se considerasse alguma falta de capricho, dizia palavras ríspidas, declarava em alto e bom som o quanto não gostava de crianças. (M1)

Na subcategoria “Professor desmotivador”, o professor é apresentado como o que não desperta o interesse do aluno pelo conteúdo, nem desperta simpatia como pessoa:

- Minhas professoras de matemática e português deste ano, (...), eram muito nervosas e fiquei muito desmotivado em relação aos estudos, além da turma ser muito agitada. (M21)
- Essa mudança foi um pouco confusa, pois, tudo era diferente, mais o maior problema foi a tal professora de língua portuguesa, suas aulas eram um horror, ela gritava muito e deixava os alunos tensos o que causava dificuldades no aprendizado. Esta foi uma passagem que me marcou bastante porque comecei a me desinteressar pelas aulas de português e tive problemas para aprender língua portuguesa. (M26)
- Às vezes tinha dúvida, principalmente em matemática, mas não era louca de pedir ajuda para ela porque vinha com uma grosseria e só faltava me chamar de burra. Era muito triste para mim quando meus amigos, (...) (M55)
- Fui conversar com minha professora e ela me disse uma palavra que me deixou desmotivada, me rotulou. Repeti de série, fui estudar com outra professora [...]. Não era mais o ensino de antes, que levávamos para a professora e ela dava um

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

rabisco e pronto. Não chamava a gente para mostrar os nossos erros. (M46)

Na categoria “Professor distante dos alunos”, ele é evocado pelo não-envolvimento com os problemas particulares do aluno:

- Felizmente e infelizmente estudei com a bruxa. Felizmente porque descobri que ela não era tão ruim assim, só não sabia demonstrar carinho e afeto. (M8)
- Meu único problema era chegar atrasada e ter que pedir licença, eu tinha vergonha, a professora olhava com cara feia, pior que tinha razão, praticamente era diário. Só que ela não sabia e nunca soube o motivo das sequências dos atrasos. Motivo este era trabalho, tinha que acender o fogão, fazer o café e colocar feijão para cozinhar. (M22)

Há também a subcategoria “Professor discriminador”, que é lembrado como o que dirige a atenção a determinado aluno ou grupo de alunos: *A professora J só dava atenção para o filho das pessoas importantes da cidade* (M8).

Ocorre também a subcategoria “Professor agressivo”, caracterizado por adjetivos como “malvado”, “perverso”, “nervoso”, “danado”:

- (...) era um professor muito malvado. (M4)
- Na 2ª série foi um horror. A danada da mulher gritava com todo mundo. (M31)
- Mas quando cheguei na 2ª série me deparei com uma professora perversa que me machucou pelo braço fazendo com que eu chegasse em casa aos prantos. Não só eu, mas com todos os meus colegas tinham medo dela, para agradá-la sempre procurava dar algum presente para aliviar um pouco o seu grande mau-humor e como era interesseira demais melhorava um pouco, mas depois continuava a mesma pessoa de sempre. (M55)
- Não era só a matéria que me assustava, mas o professor também. Ele nos apavorava porque, como na Escola... eles não podem avisar o dia da prova, em um dia que ele estivesse meio nervoso ou estressado, aplicava uma prova de apenas

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

uma questão, valendo a nota do bimestre. Ficávamos desesperados, mas acabamos nos acostumando. (M58)

- Ainda me lembro do meu primeiro dia de aula [...]. Nossa professora nos recebia com muito carinho e atenção, claro até minha mãe virar as costas, porque aí sim ela mostrava sua verdadeira dedicação: sacudia-nos e mandava-nos calar a boca até que ficássemos quietos e nos levasse para a sala de aula. (M60)

Na subcategoria “Professor autoritário”, ele é criticado pela má impressão que deixou na lembrança:

- (...) tive uma professora muito autoritária e fazia com que os alunos decorassem a gramática e explicava a matéria muito mal. (M55)
- Ela (professora V) usava métodos muitos rígidos com as crianças. (M8)
- (...) apesar de ser mais humanos, não acrescentaram nada, apenas cumpriram seu dever de usar livros e o quadro negro. (M1)

DISCUSSÃO

Nas subcategorias observadas, o professor é lembrado por sua personalidade e suas atitudes em sala de aula. A representação construída não está vinculada aos conteúdos ministrados que se apresentam como vazios no texto, uma vez que não houve relatos nem sobre o que foi ensinado e nem sobre a forma como foram trabalhados, comprovando que a ação praticada pelo indivíduo é determinada por valores diversos. Conforme Orlandi (2001), há textos que possuem ausência necessária, ou seja, há coisas que não são ditas porque não são necessárias ao ato do auto-informe-confissão, no qual os valores estão sempre presentes. Por isso, a relação entre o bem e o mal se fazem presentes na concepção de uma determinidade de fins e de meios da vida de um indivíduo.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Deu-se prioridade à análise da relação aluno-professor, em conformidade com os apontamentos de Bakhtin (2003, p. 141): “O fato de que o outro não foi *inventado* por mim para uso interesseiro mas é uma força axiológica que eu realmente sancionei e determina minha vida (...) confere-lhe *autoridade* e o torna autor interiormente compreensível de minha vida”.

Nos memoriais pode ser identificada a idealização heróica anunciada por Bakhtin (2003), pois há descrições de professores considerados ideais, exemplos de solidariedade. O indivíduo se projeta na imagem do professor e almeja ser igual a ele, na profissão ou na personalidade, pela conduta exemplar, heroica. Essa representação está fundada num sentimento maternal ou fraternal, construída por “laços familiares” e de afetividade: a “tia”.

Professor-herói

A cultura descreve o herói como um semideus que, na mitologia, é identificado como um ser imortal descendente da ligação de um mortal com uma divindade (deus ou deusa). Herói é um homem dotado de características específicas ao qual se atribui poder extraordinário pelos seus feitos guerreiros, seu valor, sua bondade etc.

Nos memoriais, há descrições de professores considerados ideais, o modelo a ser seguido, o exemplo de competência e solidariedade, conforme classificação das categorias. Bakhtin, em sua obra “Estética da criação verbal”, aborda sobre a influência do “herói” na vida do indivíduo e afirma:

Os valores biográficos aventureco-heróicos se baseiam no seguinte: a vontade de ser herói, de ter importância no mundo dos outros; a vontade de ser amado; a vontade de superar a fabulação da vida, a diversidade da vida interior e exterior. (...) Todos eles são valores individuais, mas esse individualismo imediato, ingênuo, não está dissociado do mundo dos outros, está familiarizado com a existência da alteridade, necessita dela, ali-

menta sua força com a autoridade dela (...). (Bakhtin, 2003, p. 143)

O indivíduo se projeta na imagem do professor e almeja ser igual a ele, na profissão ou na personalidade. Ao narrar a vida própria e dos outros, pouco a pouco a vida desta pessoa se entrelaça nas dos outros em uma estrutura formal e na condição daquele. Suas ações tornam-se um espelho e assim um reflexo para os seus ideais de vida.

Há relatos descrevendo o professor como aquele que “dava a aula de Português sem nada, chegava sempre com uma pedra de giz, um apagador e mais nada. Isso me fascinava” (M19), ou seja, como se esse professor tivesse o conhecimento em si, heroificando sua conduta. Observa-se aí, entretanto, uma leitura ingênua, pois o educador agindo desta maneira não demonstra que o conhecimento é adquirido por meio de leituras, não mostra a importância dos livros na educação, e consagra, na memória, a figura do “sabe-tudo”.

Quando o professor se aproxima mais do aluno, ajudando-o afetivamente, este constrói um sentimento maternal ou fraternal, pois recebe de seu mestre o que falta nos braços de sua família. Cria-se então uma relação pai/mãe-filho(a) entre professor e aluno, uma vez que, “numa concepção social, o centro axiológico é ocupado por valores sociais e acima de tudo familiares (a ‘boa glória’ junto aos contemporâneos, o ‘homem bom e honesto’, e não a glória histórica junto aos descendentes)” (Bakhtin, 2003, p. 148)

Desta forma, podemos afirmar que o indivíduo cria uma visão heroica de professor e toma esta visão como o seu ideal de vida, pois “Ao heroificar os outros, ao criar um panteão de heróis, ele irá familiarizar-se com ele, colocar a si mesmo nele, guiar de lá sua imagem futura desejada, criada à semelhança dos outros.” (Bakhtin, 2003, p. 143)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“O amor” presente na imagem do professor/herói

Outro elemento dos valores biográficos axiológicos, segundo Bakhtin (2003), é o amor, pois “(...), o amor determina a carga emocional e a tensão dessa vida, assimilando axiologicamente e condensando todos os seus detalhes internos e externos.” (Bakhtin, 2003, p. 144).

Nos trechos dos memoriais classificados como “professor solidário” encontramos a presença do amor na concepção da imagem de professor. O escritor demonstra a gratidão por seu mestre, ocorrendo laços familiares e de afetividade. Bakhtin descreve:

A sede de ser amado, a tomada de consciência, a visão e a informação de si mesmo na possível consciência amorosa do outro, [a aspiração] de fazer do amor almejado do outro a força motriz e organizadora de minha vida em toda uma série de seus momentos utilizados também constituem um crescimento no clima da consciência amorosa do outro. (Bakhtin, 2003, p. 144)

A concepção de “tia” na representação do professor

O uso da palavra “tia” surge nas categorias “professor ideal”, “bom professor” e “professor solidário”, nas quais a imagem de professor é vinculada às qualidades e atitudes exemplares. Nas demais categorias, esta não aparece, pois o professor deixa de ser uma figura carismática e passa à concepção de valores reprováveis aos alunos.

Uma mesma palavra poderá ter vários significados, dependendo do seu uso no texto e contexto. O leitor ou analista deverá interpretá-la conforme sua significação e historicidade. Para abordar o processo de produção de sentidos e sua relação com a ideologia, Orlandi (2001) introduz uma noção que considera básica na Análise do Discurso – a de formação discursiva. Se as palavras não têm um sentido em si mesmas, é porque seus sentidos derivam das formações discursivas em que se

inscrevem. Essas formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

A questão do sentido é fundamental para a Análise do Discurso, pois a linguagem é linguagem porque faz sentido, e a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. A autora explica que, mesmo sem a intenção consciente, o que falamos é afetado pela língua e pela história, pois os sentidos não estão somente nas palavras, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem unicamente das intenções dos sujeitos, como é o uso da palavra “tia” na representação do professor.

Professora sim, tia não

Paulo Freire (1997) questiona o uso destes dois termos, professora e tia, pelos alunos e estabelece uma compreensão e entendimento não apenas do significado de cada uma destas palavras, mas também sobre "o que elas ganham e perdem, individualmente, enquanto inseridas numa trama de relações" (p. 9). Também defende que ensinar é uma tarefa que envolve militância e especificidade no seu cumprimento e que ser tia é viver uma relação de parentesco, e, por isso, nunca poderia ser uma profissão. Ensinar implica educar e vice-versa, e, para tanto, é necessária a “paixão do conhecer”, que nos envolve, como diz Freire (1997, p. 9), numa busca prazerosa, mas nada fácil.

(...). Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (Freire, 1997, p. 9)

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Em sua análise sobre “Professora, sim, tia, não”, apresenta, sobretudo duas razões principais para o seu posicionamento. De um lado, o de evitar uma compreensão distorcida sobre a tarefa profissional do professor e de outro, o de ocultar a ideologia repousada manhosamente na falsa identificação (p. 9). Para o educador, identificar professora com “tia” foi e vem sendo ainda enfatizado, sobretudo na rede privada em todo o país, quase como proclamar que professoras, como boas tias – ideologia de “boas moças” –, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve” (1997, p. 9). O autor afirma a importância da ousadia no ensino, enfatiza a tarefa do ensinante, que é também a de ser aprendiz, e que requer comprometimento e gosto “de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica” (p. 9), sendo preciso para isso ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos no dia-a-dia. O ensino é uma atividade prazerosa, mas igualmente exigente de seriedade, de preparo científico, de preparo físico, emocional e afetivo. Segundo Paulo Freire (1997) é preciso ousadia ao próprio fato de se fazer professor, educador, que se vê responsável profissionalmente pela formação permanente. Nesse sentido, não se quer desmoralizar ou desvalorizar a figura da tia, mas questionar a desvalorização profissional, que vem acontecendo há décadas, de transformar a professora num mero parente.

Assim, o autor questiona o tratamento feito pelos alunos de tia à professora, que pode parecer amoroso, mas, na verdade, esconde a ideologia da passividade do educador, pois resistir a uma política e uma realidade social como a que se vive atualmente e resistir a desvalorização do ensino não é para pessoas passíveis, amorosas e parentais como a maioria das tias. “A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma inocente armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta, entretê-la no exercício de tarefas fundamentais” (Freire, 1997, p. 18). Entretanto, como afirma Freire,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não é sua intenção, com essas afirmações, desvalorizar a tia, mas valorizar a professora e incentivar os professores a assumirem o papel político-social que desempenham, àquilo que lhe é fundamental: “sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente” (Freire, 1997, p. 9).

Conforme Paulo Freire (1997, p. 18): “Professora, porém, é professora. Tia é tia”. Professora “tia” parece ser, portanto, um ato falho na escola, uma vez que os profissionais da Educação necessitam se posicionarem mais firmemente e se valorizarem diante dos governantes, da sociedade, dos alunos e diante de si mesmos, para que sejam realmente professores. Assim, a presença do termo “tia” nas memórias dos futuros professores de nível universitário parece demonstrar a permanência dessa relação “familiar” e amorosa na construção da representação do professor.

O professor anti-herói

Também se observa a idealização na representação do professor que não corresponde à imagem heroica, “familiar”; pois conforme Orlandi (2001), mesmo sem a intenção consciente, o que falamos é afetado pela língua e pela história. O professor anti-herói é lembrado pelas ocasiões em que apontou erros do aluno na frente da classe, e é considerado responsável pela falta de motivação em relação aos estudos e até mesmo pela reprovação do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao priorizar, no estudo, a relação aluno-professor, em conformidade com os apontamentos de Bakhtin (2003, p. 141): “O fato de que o outro não foi *inventado* por mim para uso interesseiro mas é uma força axiológica que eu realmente

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

sancionei e determina minha vida (...) confere-lhe *autoridade* e o torna autor interiormente compreensível de minha vida” procurou-se desvelar a representação de professor no discurso do universitário de Letras “aspirante a professor”, já no seu processo final de formação docente.

Esta análise feita através da Análise de Discurso (AD) - “uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto” (Orlandi, 1998, p. 20) – possibilitou a identificação das categorias: professor ideal, bom professor, solidário, autoritário, distante dos alunos, desmotivador, discriminador, constrangedor e agressivo, na representação do professor nos memoriais de formação. Esses resultados permitem constatar que essa representação se articula em dois pólos: o do bem e do mal: herói/tia *versus* anti-herói. Como gesto, essa representação é determinada por um dispositivo ideológico no qual está latente a afetividade.

A compreensão dessa representação de professor manifestada no processo de formação poderá auxiliar na análise do desempenho dos profissionais de educação em exercício na rede municipal de ensino, uma vez que o estudo dos memoriais foi concebido como um subprojeto do Perfil do Egresso da AEDB, projeto institucional.

Considerando-se que o Curso universitário formador do professor de língua materna e línguas estrangeiras está centrado no conhecimento técnico específico, essa representação de modelos pautados no atributo do caráter e da personalidade, poderá, também, contribuir para o aprofundamento da análise pedagógica do conteúdo e dos aspectos que deverão ser enfatizados no processo ensino/aprendizagem no Curso de Letras.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. *Os termos-chave da análise do discurso*. Lisboa: Gradiva, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.